
REGISTRO DE ALÇAMENTO VOCÁLICO EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS

Simone Alves de Souza (Mestranda PPGL–UNIOESTE)¹
Dr^a. Sanimar Busse (Prof^a. Dr^a PPGL–UNIOESTE)²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o comportamento da língua em uso observando os erros de ortografia resultantes do registro gráfico do alçamento vocálico em redações de vestibulandos. Dado o processo de aquisição da escrita e a aprendizagem em diferentes contextos, entendemos que algumas hipóteses sobre o funcionamento da escrita, amparadas na fala, acompanhem os alunos durante o período escolar. A análise encontra-se fundamentada em Cagliari (2002), Abaurre (1991), Zorzi (2006), Silva (1991), Tenani (2010), Pereira (2011) e Bortoni-Ricardo (2005). Para a coleta de dados foram averiguadas 116 redações de vestibulandos de uma universidade pública. Os resultados reiteram a necessidade de uma reflexão sistematizada sobre o ensino e a aquisição da escrita, em diferentes níveis de ensino.

Palavras-chave: Fala; Alçamento vocálico; Ortografia.

VOCAL RAISING REGISTRATION IN COLLEGE STUDENT EDITIONS

Abstract: This article aims to analyze the behavior of the language in use by observing spelling errors resulting from the graphic recording of vowel raising in essays by university students. According to the process of acquiring writing and learning in different contexts, we understand that some hypotheses about how writing works, supported by speech, accompany students during the school period. The analysis is based on Cagliari (2002), Abaurre (1991), Zorzi (2006), Silva (1991), Tenani (2010), Pereira (2011) and Bortoni-Ricardo (2005). For data collection, 116 essays written by university entrance students from a public university were investigated. The results reaffirm the need for a systematic reflection on the teaching and acquisition of writing, at different levels of education.

Key-words: Speak; Vowel elevation; Orthography.

Introdução

O desenvolvimento de conhecimentos sobre o funcionamento da escrita é desafiador aos alunos em diferentes níveis de escolarização. No percurso de aprendizagem lida-se muitas vezes com situações complexas quanto à grafia das palavras, dado o processo de codificação

¹ Simone Alves de Souza é mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Possui graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2021). LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3132112350343191>. E-mail: sialves.souza@outlook.com.

² Sanimar Busse é professora do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3818-6579> ResearcherID: U-5451-2018 <http://www.researcherid.com/rid/U-5451-2018>. E-mail: sani_mar@yahoo.com.br.

da fala, bem como os conhecimentos relacionados às regras ortográficas. Para cada etapa, o aluno se vê diante de hipóteses sobre a escrita, muitas delas pautadas na sua percepção sobre a fala e sobre o funcionamento da escrita. Nas séries iniciais, ou seja, fase inicial de escolarização, podemos considerar que a heterogeneidade gráfica é natural e compreende etapas para a construção das bases conceituais sobre a escrita, especificamente na ortografia. Porém, as hipóteses sobre a construção da escrita precisam ser revistas em todo o processo para que, de fato, o conhecimento se aproxime da compreensão e aplicação das regras ortográficas.

As alterações gráficas derivadas da relação entre fala e escrita, como é o caso do alçamento vocálico, podem ocorrer ocasionalmente na produção escrita a depender do nível de escolaridade, sendo menos frequente em palavras que os alunos já estão habituados a utilizar em seus escritos devido à familiaridade com as palavras. Contudo, a presença do alçamento em textos mais elaborados, como a redação de vestibular, coloca-nos diante de reflexões sobre a escrita e as possíveis falhas no processo de aprendizagem da escrita e diferenciação da fala.

Sella (2017) e Ferreira e Busse (2019) identificaram desvios ortográficos relacionados à natureza fonético-fonológica em produções escritas de alunos do Ensino Médio e do 9º Ano do Ensino Fundamental e, entre os desvios apresentados, encontra-se o de alçamento. Alguns trabalhos também têm registrado esta heterogeneidade de registros gráficos em diferentes anos do Ensino Fundamental, como as pesquisas de Budke e Busse (2018) e Carmo e Busse (2021). Os dados e as pesquisas podem ser indicadores da premente necessidade de trabalhos que auxiliem os professores da educação básica a refletirem sobre a escrita, tomando os desvios ortográficos como parâmetro para um trabalho mais reflexivo sobre a ortografia.

O aporte teórico para este trabalho está pautado nas pesquisas realizadas por Silva (1991), Abaurre (1991), Cagliari (2002), Bortoni-Ricardo (2005), Zorzi (2006), Tenani (2010) e Pereira (2011). Iniciaremos apresentando reflexões sobre a relação entre fala e escrita amparado em autores da área da sociolinguística educacional, fonética e fonologia buscando evidências que comprovem a necessidade de um trabalho com foco para a correta grafia, principalmente no que se refere aos desvios que partem da oralidade para a escrita. Na sequência, situaremos teoricamente o alçamento vocálico enquanto processo fonológico da língua portuguesa. Posteriormente, apresentaremos a descrição dos dados juntamente com a análise dos registros em redações do vestibular e, por fim, as considerações que surgiram após

a conclusão deste trabalho.

Reflexões sobre a relação entre fala e escrita

A aprendizagem da escrita e sua dissociação da oralidade torna-se desafiador no período de escolarização. Muitos alunos apresentam dificuldades no momento da escrita devido ao fato de que se pautam na fala para o registro gráfico, nas suas produções escritas. Embora a escrita e a fala se mostrem parecidas, é preciso que o aluno compreenda que, enquanto a fala é heterogênea e permite diferentes contextos, variações e níveis de formalidade, na escrita a produção deve seguir a norma padrão, de forma a conseguir alcançar seu leitor sem confundi-lo na leitura.

Conforme destacam Busse, Sella e Budke:

A aprendizagem da escrita e o convívio com as formas escolarizadas da língua não devem prescindir do trabalho com diversidade linguística, deve, sim, tomá-la como ponto de partida, valorizando e reconhecendo sua face cultural, social e histórica. A variedade linguística dos alunos deve ser respeitada como legítima. Para tal, é preciso que se reconheçam as variedades linguísticas como resultado das interações entre falantes de diferentes línguas, como fases das mudanças linguísticas, e, principalmente, como aspecto que caracteriza os grupos, os situa social e geograficamente. Deve-se, portanto, partir da compreensão e do estudo dos fenômenos da fala e, a partir de uma metodologia que se ampare no conhecimento da língua, nos níveis fonético-fonológico e morfossintático, buscar levar o aluno ao domínio da escrita nas diferentes situações de uso. O ensino da escrita deve tomar a diversidade linguística como ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento sobre o funcionamento da língua. O trabalho com a variação na escola tem o objetivo de levar o aluno a compreender a língua como produto das relações e interações entre falantes, e as variantes como processos distintos do fenômeno da mudança linguística. Diante da tarefa de levar a criança a dominar o código escrito em diferentes situações de interação, o desafio do professor está em reconhecer e valorizar a diversidade linguística da comunidade e, a partir dela, inserir o aluno no mundo letrado (BUSSE; SELLA; BUDKE, 2015, p. 15).

Ao analisar as variantes lexicais de uma comunidade é possível observar a forma como um grupo de falantes se organiza e se comporta diante das diferenças de natureza social, histórica, cultural e geográfica. Para Coseriu (1988, p.31), em uma comunidade de fala a língua “se constitui pela complexa relação entre seus elementos, a partir da reconstituição de estágios anteriores da combinação de formas do passado com novas formas, condicionadas às dimensões sociais e espaciais”. Uma análise com a intenção de investigar e descrever as diferenças de uma para outra língua não pode esquecer-se de observar tanto as dimensões internas quanto externas, considerando sua complexa, dinâmica e integral forma.

Conforme Bortoni-Ricardo, “aprender a reconhecer palavras é a principal tarefa do leitor principiante, e esse reconhecimento é mediado pela fonologia” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.204). Nesta perspectiva, do desafio de decodificar palavras, percebemos que o aluno se baseia em sua própria pronúncia no momento que está representando a escrita, que o leva a cometer desvios ortográficos decorrentes, principalmente, da sua variante dialetal. Além da transcrição da fala, na língua portuguesa há muitos registros ortográficos arbitrários, cuja natureza está em questões etimológicas, como, por exemplo a sibilante vozeada: *casa*, *azeite* e *exame*.

Busse, Sella e Budke (2015) destacam que:

Além das questões relacionadas à aquisição da língua escrita, outro aspecto que não pode ser esquecido é a heterogeneidade linguística da comunidade. A confluência e convivência de diferentes culturas, línguas e falares na comunidade não se neutraliza no espaço da sala de aula. O aluno utiliza a sua fala como parâmetro mais concreto para elaboração da escrita. Não considerar fenômenos como a monotongação, elevação da vogal média-alta, rotacismos, palatalização das oclusivas dentais, vocalização laterais, entre outros, torna a língua escrita algo distante e artificial para os alunos. Essa realidade pode ser tomada como forte elemento que atua sobre o analfabetismo funcional e sobre os baixos índices de leitura e escrita dos brasileiros (BUSSE; SELLA; BUDKE, 2015, p. 34).

Essa dependência se torna complexa quando os fenômenos não sofrem avaliações na comunidade de fala, como é o caso do alçamento vocálico, fenômeno comum na língua portuguesa e que se torna erro quando registrado na escrita. A escrita, nestas condições, busca neutralizar a mudanças e alterações com a finalidade da leitura, independentemente do local e contexto. A ortografia surge exatamente “de um “congelamento” da grafia das palavras, fazendo com que ela perca sua característica básica de ser uma escrita pelos segmentos fonéticos, passando a ser a escrita de “uma palavra de forma fixa”, independentemente de como o escritor fala ou o leitor diz o que lê” (CAGLIARI, 1986, p.99).

Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.23), quando lidamos com alunos que têm acesso limitado à norma culta, temos de considerar a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na escrita. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), uma das contribuições da Linguística para o ensino de línguas tem sido o aparato teórico e metodológico para a análise e diagnose de erros, e com isso a elaboração de material didático destinado a atender às áreas com maior incidência, visto que há em nossa língua diversos fonemas que podem ser grafados de diferentes formas, como o caso da sibilante [s], que define a partir da escrita a diferenciação de palavras como *sem* e *cem*, *cesto* e *sexto*. Essas

diferenças podem se tornar confusas mesmo para quem possui anos de prática. Portanto, o levantamento das ocorrências nos permite encontrar a fonte de dificuldade dos alunos e propor estratégias de ensino voltado à superação dessas dificuldades.

O registro gráfico do alçamento vocálico em redações de vestibular é um dos indicadores da ausência de um trabalho mais sistemático com a escrita, principalmente, no que se refere à reflexão e à análise dos processos fonológicos, os quais constituem o português brasileiro e demarcam identidades linguísticas, neutralizadas, contudo, pela ortografia.

Alçamento vocálico

O alçamento vocálico é um fenômeno linguístico em que as vogais médias /e/ e /o/ são realizadas como vogais altas [i] e [u], respectivamente, como, por exemplo, em Dente ~ *'denti'*, e Mundo ~ *'mundu'*. Bisol (2009) destaca a diferença entre os dois processos que envolvem o fenômeno, a harmonia vocálica e o alçamento sem motivação aparente.

Se observarmos diacronicamente, conforme estudos de Bisol (2015), os casos de alçamento já ocorriam no português medieval, pois: “admitimos que os textos consultados, embora produzidos com o cuidado de bem escrever, refletem a fala da época, permitindo-nos afirmar que, como assimilação regressiva, faz parte do sistema do português medieval com o estatuto de regra de aplicação variável” (BISOL, 2015, p.191).

Os estudos sobre o alçamento vocálico têm contribuído para o entendimento desta ocorrência, que se encontra presente na fala em diversas regiões do país. “Nota-se que as mudanças vocálicas caracterizam-se pela sua complexidade e variação, tornando-se alvo de inúmeros processos fonológicos, tais como neutralização, assimilação, harmonia, abaixamento e alçamento” (MAGALHÃES, 2013, p. 36). Se observarmos o latim vulgar – variedade utilizada pelos conquistadores romanos que deu origem ao português, e às línguas românicas, – veremos a complexidade do uso das vogais, visto que as dez vogais encontradas no latim se transformaram gradativamente, desde o galego-português até a língua portuguesa moderna, em 7 vogais orais. No latim, as vogais podiam ser pronunciadas com duração longa ou breve, as dez vogais: /ā, ă, ē, ě, ī, ĭ, ō, ǒ, ū, ŭ/ (NUNES, 1960, p. 38). Segundo Bisol (2015),

O português brasileiro faz a sua história a partir do séc. XVI, herdando o sistema átono de cinco vogais com a harmonização vocálica na pretônica, enquanto o português europeu, dando abrigo à centralização das vogais átonas [-post], segue outra deriva, em virtude dos efeitos de três processos: centralização, harmonização e neutralização. Todavia PEC e PBC são dialetos de uma língua só (BISOL, 2015, p. 203).

As sete vogais do latim vulgar mantiveram-se no galego-português até o português atual. Conforme explica Nunes (1960, p. 40-41),

- ě e ae reduziram-se a é (aberto)
- ē, oe e ĭ reduziram-se a ê (fechado)
- ī reduziu-se a i
- ō reduziu -se a ó (aberto)
- ō e ŭ reduziram-se a ô (fechado), e
- ū reduziu-se a u.

Com isso, o sistema de vogais do Português Brasileiro formou-se, segundo Câmara Júnior (1977), da seguinte forma:

FIGURA 01 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição tônica

Altas	/u/		/i/
Média-altas	/o/		/e/
Média-baixas	/ɔ/		/ɛ/
Baixas		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

Fonte: Câmara Jr. (1977, p.33).

Deste modo, temos na posição tônica sete vogais, enquanto nas posições pretônica as cinco vogais (/i/; /e/; /a/; /o/; /u/) pela redução das vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/. Segundo Rezende (2010, p. 58), é na posição de sílaba átona final que ocorre a maior redução das vogais, restando apenas três (/i/; /a/; /u/), visto que as vogais médias-altas (/e/ e /o/) cedem seu lugar às vogais altas (/i/ e /u/). Conforme vimos, na posição átona, as vogais no português sofrem uma drástica redução, passando de sete na posição tônica para apenas três na posição

átona final (/i/; /a/; /u/). Por isso, temos, por exemplo: “surd[u]-mud[u]” para surdo-mudo e “pent[i]” para pente (REZENDE, 2010, p. 58).

Conforme estudos realizados sobre o alçamento vocálico, vemos que a variação /e/→[i] é um processo que ocorre pela presença de vogal alta na posição tônica, por exemplo, em *m[i]nino* -> *menino*. Neste caso, para Bisol (1981, p. 93), a aplicação da regra do alçamento é baseada na ocorrência do processo fonológico denominado harmonização vocálica. O alçamento vocálico pode ser oriundo da harmonização vocálica, como explica Carmo e Tenani:

Nas vogais investigadas, pode ser encontrado o fenômeno denominado alçamento vocálico, por meio do qual as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]nserir*. Esse fenômeno é resultado, sobretudo, da atuação dos processos de: (i) harmonização vocálica (CÂMARA JÚNIOR, 2007; BISOL, 1981),¹ em que a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo funciona como gatilho à aplicação do alçamento, como em *inv[i]sti* e *s[u]frido*; e/ou (ii) redução vocálica (ABAURRE; GNERRE, 1981), em que, geralmente, verifica-se a influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo para a realização do processo, como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*. (CARMO; TENANI, 2013, p. 607).

Contudo, os casos de alçamento da vogal ocorrem também sem a presença de uma vogal alta na sílaba tônica. Viegas (1987) analisou então que, além da harmonia vocálica, poderia ocorrer: o enfraquecimento da vogal por assimilação dos traços consonantais adjacentes, como em *estava* -> *istava*. Collischonn (2006) e Bisol (1981) também concluem em seus estudos sobre o alçamento que a vogal tônica alta contribui bastante para o alçamento da vogal média pretônica, porém outros elementos podem favorecer a elevação, como as consoantes fricativas /s/ e /z/, que colaboram para o alçamento de /e/. Para Bisol (1981) a elevação de /e/ para [i] é favorecida por uma consoante nasal precedente, uma velar precedente ou seguinte e por uma consoante palatal seguinte.

Percebemos também a existência de fenômenos de hipercorreção da vogal média nas redações analisadas. A exemplo, os casos em que a vogal /i/ é substituída por /e/, como em *Ingresso* -> *engresso*, e com a vogal /u/ substituída por /o/, em *Minúsculo* -> *minúscolo*. A escrita, segundo Tenani (2011, p. 27) estabelece uma única forma de grafar as palavras da língua, enquanto, na fala, há diferentes possibilidades de realização fonética.

O erro por hipercorreção seria decorrente da generalização de uma regra de um contexto a outros semelhantes, como na primeira sílaba de “*enfancia*” (“*infância*”), em que o reconhecimento de <e> na escrita, muitas vezes, representa [i] da fala,

como na palavra “engenheiro”, levaria à escolha de <e> no lugar de <i>, resultando em *grafias não-convencionais* (TENANI, 2011, p.32).

A presença de erros na escrita de alunos em níveis iniciais de alfabetização é comum, porém deve ser superado até que se atinja o domínio da escrita. Nesse sentido, não há como determinar o momento em que os fenômenos decorrentes da fala deixam de estar presentes na escrita, mas é possível perceber uma diminuição de casos nos anos finais do Ensino Fundamental. Segundo Ferreira (2019, p.63), no início da alfabetização, é comum que grafias como *dici* em vez de *disse*, *leiti* em vez de *leite*, *bunito* em vez de *bonito*, entre outras, apareçam com certa frequência na escrita do aluno, já que este é guiado pelo seu conhecimento oral da língua.

Nos dados coletados das redações de vestibulandos encontraremos o material para uma abordagem mais significativa dos casos descritos nesta seção.

O alçamento vocálico nas redações do vestibular

O *corpus* da análise apresentada neste artigo é proveniente da seleção de redações do vestibular pertencentes aos gêneros textuais *Artigo de Opinião* e *Carta do Leitor*, do Vestibular 2017. Foram analisadas 116 redações do vestibular com nossa atenção voltada para os erros de ordem fonológica, no quesito alçamento vocálico.

A seguir, apresentamos os dados encontrados nas redações analisadas do concurso vestibular 2017, conforme quadro 01, sobre o alçamento vocálico das vogais /e/ e /o/.

Quadro 01 – Casos de alçamento vocálico da vogal /i/:

/i/ -> /e/	
ABRANGER	Abrang(i)r
ACONTECIMENTO	Acont(i)cimento
AGREDIDA	Agr(i)dida
CONSEGUE	Consegu(i)
CONSEGUIREMOS	Cons(i)guiremos
CONVENIENTE	Conv(i)niente
DESPERTAR	D(i)spertar (2x)
DESCULPAS	D(i)sculpas
DESRESPEITO	D(i)srespeito
DESTRUIÇÃO	D(i)struição
DESESTABILIZADA	Des(i)nstabilizada
EMPECILHOS	(I)mpecilhos (2x)
EMPREGADAS	(I)mpregadas (2x)
EMPREGA	(I)mprega

ENGESSADO	(I)ngessado
ENTENDE	(I)ntende
ENTONAÇÃO	(I)ntonação
ESTARIA	(I)staria
ESTEREÓTIPOS	Ester(i)ótipos
ERRADICADA	(I)rradicada
FERE	Fer(i)
GRAVEMENTE	Grav(i)mente
INTRINSECAMENTE	Intrins(i)camente
POSSUEM	Possu(i)m
PREVENIR	Prev(i)nir
PUNE (punir)	Pun(i)
SE	S(i)
SIMPLESMENTE	Simpl(i)smente
.	Total: 31 ocorrências.

Fonte: *Corpus da Pesquisa (Redações/2017).*

O quadro 01 possui uma quantidade significativa de ocorrências, com repetição nas palavras *empecilho*, *empregadas* e *despertar*. Percebemos que a maioria dos exemplos são de alçamento em início de palavra, que ocorre em 10 das 31 ocorrências apresentadas. Em 14 exemplos a manifestação surge precedente a uma vogal alta, como em *Acont(i)cimento*, *Agr(i)dida*, *Cons(i)guiremos*, *Conv(i)niente*, *D(i)sculpas*, *D(i)srespeito*, *D(i)struição*, *Des(i)nstabilizada*, *(I)mpecilhos (2x)*, *(I)staria*, *Ester(i)ótipos*, *(I)rradicada* e *Prev(i)nir*. Também é possível perceber a ocorrência de sibilante ou nasal na sílaba em que ocorre o alçamento, sendo exceções as palavras *Abrang(i)r*, *Agr(i)dida*, *Consequ(i)*, *Ester(i)ótipos*, *(I)rradicada* e *Fer(i)*.

Segundo Bisol (2013, p. 52), desde tempos antigos, o português vem mostrando tendência ao fechamento das médias, não só diante de um condutor como na harmonia vocálica, mas também sem ele. Bisol (2015, p. 190-191) utiliza exemplos do Português medieval como *murdimento (mordimento)*, *furtuna (fortuna)* e *myndigo (mendigo)*, mostrando que “a simples contagem é expressiva, permitindo-nos afirmar que na fase em que o português atinge sua autonomia, a harmonia (HV) uma assimilação regressiva comum às línguas humanas, está fortemente presente nos dados.” Nesse sentido, Monnaretto (2013, p. 54) analisou que as vogais médias pretônicas do português brasileiro sofrem, desde muito tempo, um processo variável em que /e/ e /o/ alternam-se entre os sons /e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/, considerando três aspectos:

- 1a) Quando precedem vogais altas na sílaba adjacente (menino, coruja);
- 1b) Quando o /e/ inicial precede sibilante /s/ e nasal (espada, enxada); e
- 1c) Quando não há as duas situações anteriores (tomate, pequeno).

O primeiro caso 1a) é conhecido como harmonia vocálica. As palavras *d(i)spistar*, *disculpas* e *d(i)struição* podem ser resultantes de harmonização vocálica.



Destruição - d(e)str(u)ição → d(i)struição

O segundo caso 1b) pode ser descrito como categórico. Segue um princípio diferente da abordada em 1a), mas trata-se de quase 100% dos casos de alçamento encontrados nas redações de vestibulandos. Nos casos em que a vogal /e/ é seguida por consoante nasal ou /s/, como nas palavras “ensina” e “estuda”, a elevação da pretônica é quase categórica, ou seja, dificilmente não ocorrerá. Estes estudos se tornam importantes pois validam a existência de alçamentos em presença de nasal ou sibilante nos dados coletados das redações, a saber: *(i)mpecilhos*, *(i)mpregadas*, *(i)ngessado*, *(i)ntende*, *(i)ntonação*, *d(i)spistar*, *d(i)sculpas*, *(i)staria*, *d(i)struição*, *des(in)stabilizada*, *grav(i)mente*, *intrins(i)camente* e em *maus-b(u)cados*, que foram apresentadas nas tabelas anteriores. Abaixo, citamos dois exemplos:

Vogal seguida de sibilante: Estaria - (E)(s)taria → /Is ta'rij□/

Vogal seguida de nasal: Empecilhos - > (E)(m)pecilhos -> /ĩ pe'si xYs/

O terceiro caso 1c) não tem relação com os dois primeiros descritos, e possivelmente não recebe interferência fonético-fonológica, como é o caso de *fer(i)*. Segundo Monaretto (2013, p.20), a situação de elevação de 1c) abrange contextos variados: a) em início de palavra ([e]levador~[i]levador); b) no interior de palavra (ac[o]ntecer~ac[u]ntecer); c) em hiato (t[e]latro~t[i]latro); d) em sílaba leve ou pesada (pensando/pesado).

Outro fenômeno encontrado nas redações ocorre com as vogais /i/ e /u/ que a hipercorreção. Os casos da tabela 01 apresentam o fenômeno de elevação (alçamento), porém a modificação do ponto de articulação e de altura da vogal também ocorre em sentido contrário à elevação, neste caso, na troca de /i/ para /e/ e de /u/ para /o/, conforme apresentado

na figura 01 (p.21) sobre o sistema vocálico do Português brasileiro desenvolvido por Câmara Jr (1977).

O fenômeno de alçamento vocálico está fortemente presente na fala em diversas comunidades em todo o país, portanto, a representação gráfica de <e> e <u> pode não coincidir com a realização fonética que é, por vezes, registrada por [i] e [u]. No quadro 02 apresentamos os dados encontrados nas redações analisadas do concurso vestibular 2017, sobre a hipercorreção vocálica da vogal /i/.

Quadro 02 – Casos de hipercorreção vocálica

/i/ -> /e/	
CIVIL	Civ(e)l
CONSCIENTIZAÇÃO	Consc(e)ntização
DIFICILMENTE	Dific(e)lmente
DISCIPLINAS	D(e)sciplinas
DISCRIMINAÇÃO (discriminar)	D(e)scriminação (3x) - D(e)scr(e)minações D(e)scriminadas - D(e)scriminando
DISCRIMINALIZAÇÃO (discriminalizar)	D(e)scriminalização
DISTRIBUIU	D(e)stribuiu
EMBRIAGADO	Embr(e)agado (2x)
INDAGAÇÃO	(E)ndagação
FEMININA	Fem(e)nina - Fem(e)nino (2x)
IMPASSE	(E)mpasse - (E)mpasses
INCLUSÃO (incluir)	(E)nclusão
INCOMODANDO	(E)ncomodando
INDIVÍDUOS	(E)ndividuos
INFINIDADE	(E)nfinidade
INGRESSAR	(E)ngreçar
INGRESSAREM	(E)ngressarem
IMPLANTADA	(E)mplantada
IMPOSTAS	(E)mpostas
INDUZEM (induzir)	(E)nduzem
INIBEM (inibir)	(E)nibem
INSTITUIÇÕES	(E)nstituições - (E)stituições
INTENÇÃO	(E)ntensão
INTITULADA	(E)ntitulada
INVISTA (investir)	(E)nvista
IMPUNIDADE	(E)mpun(e)dade
PRIVILEGIADA	Priv(e)ligiada
REIVINDICAR	Re(e)nvidicar

Total: 38 ocorrências.

Fonte: *Corpus da Pesquisa (Redações/2017).*

De acordo com o temas propostos para a redação, os casos mais recorrentes recaem sobre palavras específicas de cada temática, como exemplo a palavra *instituição*, que se refere ao ingresso no Ensino Superior, abordado no artigo de opinião com o tema: Escola sem partido; e nas palavras *embriagado*, *feminino* e *discriminação*, referentes à carta sobre o tema: Lei Maria da Penha. No português falado do Brasil, poucas são as referências sobre o processo de abaixamento de vogais, embora haja vários trabalhos que tratam sobre o alçamento em harmonização vocálica, assimilação, e dissimilação.

A recorrência dessa não-coincidência entre grafema e fonema pode ter conduzido ao fenômeno de hipercorreção, devido ao fato de os candidatos optarem preferencialmente por <e> em suas redações em momento de dúvida, em que, na fala, poderia ser [i]. “Na ortografia, os contextos em que na fala é [i] podem ser grafados tanto com <e>, quanto com <i>, de modo que, quando a escolha do escrevente por <e> não resultou na grafia estabelecida pela convenção ortográfica, ocorreu uma grafia não-convencional por hipercorreção” (TENANI, 2011, p. 36).

Veremos no quadro 03 os casos de hipercorreção vocálica da vogal /u/:

Quadro 03 – Casos de hipercorreção vocálica diante da vogal /u/:

/u/ -> /o/	
ACUADAS	Ac(o)adas
CUMPRIDA (cumprir)	C(o)mprida
CONVIVEU	Convive(o)
DESTRUÍDA	Destr(o)ída
MINÚSCULAS	Minusc(o)las (2x)
PERSUADIDO	Pers(o)adido
Total: 07 ocorrências.	

Fonte: *Corpus da Pesquisa (Redações/2017).*

Nos dados coletados encontramos 45 casos de hipercorreção, sendo sete em /u/ e trinta e oito em /i/. Segundo Labov (1972), por se tratar de “uma extensão do uso habitual do termo para indicar uma aplicação equivocada de uma regra aprendida imperfeitamente”, transformando-se em uma correção equivocada. A hipercorreção também corresponde a um fenômeno decorrente da relação entre fala e escrita, “por notar que todas as grafias não-convencionais podem evidenciar o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético-fonológico da língua.” (TENANI, 2011, p. 36).

Os erros encontrados nas redações surgem da tentativa do candidato de produção do

código escrito a partir do seu conhecimento, reconhecendo que existem variações fonéticas que não correspondem diretamente à ortografia correta. Quando nos referimos ao caráter reprodutor de certas escolhas dos escreventes nos reportamos ao fato de a representação da escrita como código escrito institucionalizado produzir a projeção de um modelo a ser repetido (CORRÊA, 2004, p. 172).

Com a intenção de adequação às regras ortográficas, Corrêa destaca que “o fator condicionante básico do aparecimento dessas representações é sempre o caráter de réplica – em geral, tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar tradicional [...] e não a sua relação com características tidas como absolutas da escrita em geral” (CORRÊA, 2004, p. 168). Portanto, as representações equivocadas das vogais são possíveis tentativas de adequação aos padrões da escrita em contexto escolar.

Considerações finais

Os erros ortográficos analisados nas redações dos candidatos ao vestibular evidenciam que a hipótese de que a escrita representa a fala, comum aos anos iniciais de escolarização, não foi superada. A ausência de um trabalho reflexivo e sistemático sobre os princípios da escrita, além de deixar o aluno em conflito, implica no desconhecimento de outros aspectos da ortografia, o que acarreta erros de natureza arbitrária.

As análises realizadas neste artigo buscaram exemplificar e relatar quais erros derivados da relação entre fala e escrita são registrados em redações do vestibular. Os resultados mostram que os registros gráficos de alçamento das vogais médias ocorrem com maior frequência em sílaba átona inicial, seguida de nasal ou sibilante, que podem ser responsáveis pelas ocorrências em início de palavra.

Constatamos que o alçamento e a hipercorreção são mais frequentes em sílabas no início e meio de palavras, mas também registramos casos em sílaba final, com menor recorrência. Os textos apresentaram a incidência de casos de hipercorreção. Verificamos que o registro gráfico do alçamento das vogais médias ocorreu em maior proporção em palavras menos comuns, relacionadas ao tema da redação. Entendemos como menos comum as palavras menos frequentes na linguagem cotidiana, e por este motivo podem apresentar desvios de ordem fonológica.

Com a análise apresentada neste artigo esperamos suscitar discussões necessárias e

urgentes sobre o ensino da ortografia. Contudo, a incidência de erros ortográficos registrados por alunos egressos do Ensino Médio revela a necessidade de investir em trabalhos com a escrita que abordem a variação e diversidade linguística além dos aspectos relacionados à grafia e à ortografia. Entendemos que é possível complementar a formação dos alunos das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental no que se refere aos conhecimentos relacionados à fonética e à fonologia, assim como da superação dos processos fonológicos.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. Campinas, SP: *Boletim da ABRALIN*, v.11, p. 203-217, 1991.

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: Uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.) **Português no sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BISOL, L. Harmonização Vocálica: Efeito parcial e total. *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, 2013.

BISOL, L. Harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. *Revista Delta*, São Paulo, v.31, n.1, p.185-205. 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?:** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 264 p., 2005.

BUDKE, A. B.; BUSSE, S. Reflexões sobre a aquisição de escrita em contextos multilíngues: uma abordagem sobre as segmentações não convencionais. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD / LALIMU*, v. 9, nº 25, jul. 2018.

BUSSE, S.; SELLA, P.; BUDKE, A. B. Língua portuguesa, diversidade e ensino: a aquisição da escrita em contextos multilíngues. In: COSTA-HÜBES, T. C.; ROSA, D. C. (org.). **A pesquisa na educação básica: um olhar para a leitura, a escrita e os gêneros discursivos na sala de aula**. 1ed. São Paulo: Pontes, 2015.

CAGLIARI, L. C. Ortografia na escola e na vida. In: Isto se Aprende com o Ciclo Básico - **Projeto Ipê**, Curso II, São Paulo, p. 97-108, 1986.

CÂMARA Jr., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 128 p., 1977.

CARMO, M. C.; TENANI, L. E. As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística. São Paulo: *ALFA*, v. 57, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4901>. Acesso em: 8 ago. 2021.

CARMO, S. A. **Análise dos erros ortográficos em redações do vestibular**. 2018. 90 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

CARMO, S. A.; BUSSE, S. Relação fala e escrita: uma análise dos registros ortográficos em produções escritas do Ensino Fundamental. In: **Travessias**, Cascavel, v. 15, n. 3, p. 21-35, set./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v15i3.27455>

COLLISCHONN, G. **Fonologia do português brasileiro**, da sílaba à frase. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, p. 71-77, 2006.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 338 p., 2004.

COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História: El problema Del Cambio lingüístico**. Madrid: Gredos, 290 p.1988.

FERREIRA, A. A. **Segmentações não-convencionais em produções escritas do 9º ano do Ensino Fundamental: Uma proposta de ensino**. 2019, 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade estadual do oeste do Paraná- UNIOESTE, Cascavel, 2019.

FERREIRA, A. A.; BUSSE, S. Processos fonológicos e escrita ortográfica em produções textuais do ensino fundamental. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 13, n. 1, jan. - mar. 2019.

HULLEN, N. M. **Análise dos erros de grafia em produções escritas de alunos do Ensino Fundamental**. 2014. 129 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

LABOV, W. A hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança linguística. In: **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Bagno, M; Scherre, M. M. P. 1ª ed., São Paulo: Parábola, p. 151- 172. 392 p., 2008.

MAGALHÃES, J. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 35-51, 2016.

MONARETTO, V. N. O. O alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente: Um estudo em tempo real. **Fragmentum**, Santa Maria – RS, n. 39, p. 18-28, 2013.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e Morfologia**. 6ªed. Lisboa: Livraria Clássica, 458 p. 1960.

REZENDE, F. A.; MAGALHÃES, J. S. Alçamento da vogal pretônica /e/ na fala dos habitantes de Coromandel-MG e Monte Carmelo-MG. **Linguagem** - Estudos e

Pesquisas, Uberlândia, v.14, n.2, p. 57-77, 2015.

SELLA, P. **Erros de grafia em produções de alunos do ensino médio**: análise e reflexões. 2017, 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade estadual do oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2017.

SOARES, M. B. A redação no vestibular. **Cadernos de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas**, nº24, p. 53-56. 1978.

TENANI, L. E.; REIS, M. C. “E viveram felizes para sempre”: análise de grafias não convencionais de vogais pretônicas. **Verba Volant**, Pelotas, v. 2, nº 1. 2011. p. 22-43, 2011.

VIEGAS, M. C. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: Uma abordagem sociolingüística. 1987. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VOGELEY, A. C. E.; HORA, D. O alçamento das vogais médias pretônicas na escrita de crianças recifenses. In: **Anais do Congresso Internacional da ABRALIN**, 2009, Joao Pessoa - PB. Anais do Congresso Internacional da ABRALIN - João Pessoa; p. 239-248, 2009.

ZORZI, J. L. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In Maluf, M.I. (org.). **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. **Vozes**; São Paulo, p. 144-162. 2006.